

NARRATIVAS DO TERRORISMO E DA SEGURANÇA: TRADUÇÕES ‘EXATAS’, ENQUADRES SUSPEITOS*

NARRATIVES OF TERRORISM AND SECURITY: ‘ACCURATE’ TRANSLATIONS, SUSPICIOUS FRAMES



Mona BAKER
University of Manchester
Centre for Translation and Intercultural Studies
Manchester, Reino Unido
<https://orcid.org/0000-0001-5724-6229>
mona.baker@manchester.ac.uk

Traduzido por:

Cristiane ROSCOE BESSA
Professora Associada
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Brasília, Distrito Federal, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0039122901216440>
<https://orcid.org/0000-0002-8293-7926>
cristiane.roscoe.bessa06@gmail.com

Flávia Cristina Cruz LAMBERTI ARRAES
Professora Associada
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Brasília, Distrito Federal, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3964082551527151>
<https://orcid.org/0000-0002-8216-2892>
flavialamberti@gmail.com

1

Resumo: A construção e disseminação de ‘conhecimento’ sobre comunidades e sobre regiões consideradas uma ameaça à segurança tornou-se uma grande indústria. Grande parte dessa indústria se apoia em várias formas de tradução e, em alguns casos, é gerada por uma equipe de tradutores envolvidos com programas já instituídos e financiados cujo objetivo é selecionar, traduzir e distribuir vários tipos de texto que são provenientes de países árabes e muçulmanos: artigos de jornal, clipes de filmes, transcrições de shows de televisão, excertos selecionados de material educacional, sermões nas mesquitas. Este artigo recorre à teoria narrativa e usa exemplos de instituições que constroem esse tipo de conhecimento no intuito de argumentar que são falhas as tentativas de menosprezar esses esforços pelo questionamento da ‘exatidão’ de traduções. Ao contrário, faz-se necessária uma compreensão mais detalhada dos dispositivos sutis usados para gerar narrativas desumanas dos árabes e dos muçulmanos por meio de programas de tradução com planejamento cuidadoso e com financiamentos robustos.

Palavras-chave: Tradução. Narrativa. Árabe. Muçulmano. MEMRI.

Abstract: *Constructing and disseminating ‘knowledge’ about a number of communities and regions widely designated as a security threat is now a big industry. Much of this industry relies heavily on various forms of translation and, in some cases, is generated by a team of dedicated translators working on full-blown, heavily funded programmes that involve selecting, translating and distributing various types of text that emanate from Arab and Muslim countries: newspaper articles, film clips, transcripts of television shows, selected excerpts from educational material, sermons*



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

delivered in mosques. Drawing on narrative theory and using examples from institutions involved in constructing this type of knowledge, this article argues that attempts to discredit such efforts by questioning the ‘accuracy’ of individual translations miss the point. What is needed, instead, is a more nuanced understanding of the subtle devices used to generate dehumanising narratives of Arabs and Muslims through carefully planned and generously funded programmes of translation.

Keywords: Translation. Narrative. Arab. Muslim. MEMRI.

2 **A**s narrativas elaboradas sobre qualquer aspecto do mundo pelas vias da tradução não precisam ser ‘inexatas’ sob o aspecto linguístico em relação ao texto-fonte para que exerçam o efeito de confundir e enganar. Pelo fato de a tradução ser uma atividade textual criticada em minúcias e tratada geralmente com suspeita, o questionamento de uma narrativa construída de qualquer texto-fonte não precisa necessariamente ser realizado a partir e unicamente pela intervenção direta no texto. Pode-se alcançar até mais, frequentemente, com intervenções no paratexto (notas de rodapé, prefácios, adição de material visual) e com a própria seleção dos textos a serem traduzidos. Isso ocorre principalmente em contextos politicamente sensíveis, nos quais tradutores e/ou aqueles que os contratam estão cientes de que grupos de defesa podem ter acesso a textos-fonte e examinar as traduções em detalhes. A manutenção de correspondência semântica bem próxima ao texto-fonte, ou aos trechos traduzidos e disponibilizados em outra língua, permite aos que produzem as traduções afirmar que o resultado é objetivo, apartidário e uma fonte de informação confiável. Assim, o *Middle East Media Research Institute* (MEMRI), um dos principais fornecedores de tais traduções ‘exatas’, pode declarar com segurança em sua página¹ ‘About us’ (‘Sobre nós’) não somente que são ‘apartidários’ mas que seu programa de tradução, de financiamento generoso, apenas ‘constrói uma ponte entre o Ocidente e o Oriente Médio’.

Isso não significa que exemplos de traduções flagrantes não existam, ou que essas não sejam contestadas, nem que as organizações envolvidas em demonizar vários grupos e regiões como terroristas não fiquem às vezes tentadas a esquecer a cautela e a lançar refrões bem mais atraentes e eficazes, tais como ‘tirar Israel do mapa’. De fato, a tradução desse refrão de impacto do persa foi amplamente contestada (veja, por exemplo, Steele, 2006; Norouzi, 2007), embora a expressão continue a ser consideravelmente atual e mencionada todas as vezes em que o assunto Irã e terrorismo vem à tona. Da mesma forma, menciona-se, com frequência, o videoclipe *The Pioneers of Tomorrow* (Os pioneiros do amanhã), um programa para crianças exibido na tevê do

Hamas, em abril de 2007, como evidência do antissemitismo palestino e da tentativa do Hamas de recrutar até crianças à sua agenda terrorista. O clipe, legendado e disponibilizado pelo MEMRI, mostrava uma menina, Sanabel, conversando com outra menina, Saraa, e com um personagem do Mickey Mouse chamado Farfour.² Vários desvios de traduções, indicados no seguinte trecho, foram discutidos naquela época por Whitaker (2007),³ entre outros. Adicionei trechos traduzidos em colchetes onde era relevante destacar a lacuna entre o que se pode ouvir de Sanabel em árabe e a legenda do MEMRI em inglês.

A anfitriã Saraa, uma menina: “Sanabel, o que você vai fazer para a causa da Mesquita do Al-Aqsa? Como você vai sacrificar sua alma para a causa do Al-Aqsa? O que você vai fazer?”

A menina Sanabel ao telefone: “Eu vou atirar.” [Eu vou *fazer um desenho*.]

Farfour, um personagem de Mickey Mouse de smoking: “Sanabel, o que a gente deve fazer se quiser liberdade...”

Sanabel: “Queremos lutar.” [Queremos *resistir*.]

Farfour: “Isso a gente entendeu. O que mais?”

Saraa: “Queremos...”

Sanabel: “Vamos acabar com os judeus.” [Os judeus *estão atirando na gente*.]

Saraa: “Estamos defendendo a Mesquita Al-Aqsa com toda nossa alma e nosso sangue, não é, Sanabel?”

Sanabel: “Eu vou me martirizar.” [Eu vou *me tornar um mártir*.⁴]

Essa tradução do MEMRI foi contestada até mesmo pelo lado árabe da CNN, que recomendou ao apresentador do *talk show*, Glenn Beck, não levá-la ao ar. Em vez de escutar a sua própria equipe de tradutores, Glenn decidiu convidar o diretor do MEMRI, Yigal Carmon, ao seu programa para responder às acusações de desvios de traduções. A resposta de Carmon à crítica de um exemplo de tradução inadequada merece citação aqui, porque dá uma ideia do que uma organização pode fazer para proteger sua credibilidade quando essa se apoia na exatidão da tradução. No seguinte trecho, tem-se a conversa de Octavia Carmon com Octavia Nasr, membro da equipe do Departamento de Árabe da CNN:⁵

Ela argumenta que no trecho... "Nós vamos ...Nós queremos aniquilar os judeus"; ela disse: "Nossos tradutores ouvem algo diferente". Eles ouvem "os judeus estão atirando em nós". Eu lhe disse: "Sabe, Octavia, você usa uma ordem de palavras toda invertida. Você não consegue nem acertar na ordem das palavras. Mesmo alguém que não sabe o árabe poderia escutar a fita e ouvir a palavra 'judeus' no final, o que significa que é algo a ser feito *com* os judeus, não *pelos* judeus." E insistiu: não, a palavra está no começo. Eu disse: "Octavia, você simplesmente não entende. A palavra está no fim". . . Ela não reconhecia a diferença, quero dizer.

Como Whitaker (2007) indica com propriedade, Carmon não apenas desafia o conhecimento do Departamento de Árabe da CNN nesse caso, mas ignora também o que todas as gramáticas árabes descrevem sobre a estrutura e a mobilidade do objeto na sintaxe árabe.

4 Sem mencionar outros exemplos dessas traduções flagrantes, é importante não perder de vista o fato de que organizações tais como o MEMRI geralmente são muito cuidadosas com a 'exatidão' de suas traduções e investem muito na tentativa de passar uma imagem de apartidários, confiáveis e altamente qualificados para fazer comentários e dar explicações referentes a questões relacionadas ao terrorismo e à segurança. O próprio nome MEMRI sinaliza isso muito claramente: ele se intitula *Instituto de Pesquisa*, e não um grupo defensor, de pressão ou com interesses específicos, por exemplo. Questionamentos repetidos com relação à exatidão de suas traduções prejudicariam essa imagem.

O MEMRI não é a única organização que promove a agenda do terrorismo e da segurança pelas vias da tradução, mas é, de longe, a que recebe mais financiamento e que tem mais influência sobre os políticos e a mídia, principalmente nos Estados Unidos. Outras organizações engajadas em programas semelhantes, embora em uma escala bem menor, são o *Palestinian Media Watch* (PMW), *Middle East Strategic Information* (MESI) e *The Medialine*. A análise principal neste artigo será concentrada no MEMRI, a partir de uma reflexão teórica no início, que deve permitir que examinemos outros aspectos além da exatidão de traduções individuais, de modo a alcançar uma compreensão melhor de como o programa inteiro de tradução do MEMRI contribui para a construção da imagem de comunidades árabes e muçulmanas como terroristas e extremistas. Em consonância com Pappé (2009, p. 128), meu interesse está no uso dos termos "terror", "terrorismo"

e “terrorista” como “substantivos e adjetivos negativos que excluem, intuitiva e politicamente, essas pessoas descritas de ter um papel legítimo no mundo normativo e convencional”.

Teoria Narrativa

O modelo de análise adotado aqui, o qual permite demonstrar como as narrativas elaboradas sobre os árabes e as comunidades muçulmanas por meio de traduções não precisam ser ‘inexatas sob o aspecto linguístico’ para ser enganosas, foi também examinado, em maiores detalhes, entre outros, em Baker (2005, 2006, 2007, 2008, 2009). Em vez de realizar apenas uma análise pontual do material linguístico ou visual e de relacioná-lo ao conceito mais amplo de ‘discurso’ como ‘uma prática social determinada por estruturas sociais’ (Fairclough, 1989/2001, p. 14) ou como ‘uma construção social da realidade, uma forma de conhecimento’ (Fairclough, 1995, p. 18), a teoria narrativa presume que a unidade de análise é, em última instância, uma narrativa completa, entendida como uma história concreta de algum aspecto do mundo, com personagens, ambientes, com desfechos, ou possíveis desfechos, e enredo. Um modelo de análise a partir desse quadro teórico possibilita a investigação da elaboração de uma dada narrativa em um texto ou em um evento específico assim como em diversos textos, eventos e diferentes tipos de mídia. O uso da ‘narrativa’ como uma unidade de análise, e partindo da premissa de que narrativas locais (aquelas elaboradas em um texto ou em um evento determinado) têm fronteiras permeáveis, estão incorporadas e contribuem para a elaboração de narrativas maiores, fornece exatamente o tipo de interface que é necessária para nos levar além da tendência inócua e amplamente difundida de comparar textos originais e traduzidos trecho a trecho e de acordar sobre sua exatidão ou inexatidão no nível semântico.

O foco na narrativa nos permite também ir além da preocupação antiga dos estudos da tradução de examinar padrões regulares de escolhas abstratas, de acordo com a tradição da Teoria das Normas (Toury, 1995). Estudiosos da tradução costumam examinar normas de comportamento tradutório a partir de uma seleção de traduções autênticas (por exemplo, traduções árabes dos romances policiais em inglês durante a década de 1990) e da identificação de escolhas recorrentes, incluindo os tipos de estratégia geralmente adotadas pelos respectivos tradutores. Como exemplo, podemos citar como os tradutores lidaram com referências específicas da cultura ou se reduziram, ou não, sentenças longas em mais curtas. Podemos argumentar que a Teoria das Normas, uma das abordagens mais difundidas dos estudos da tradução desde a década de 80, privilegia

comportamentos que mostram acentuados padrões de socialização e tende a relativizar inúmeras tentativas individuais e em grupo de enfraquecer padrões dominantes e dogmas políticos e sociais (Baker, 2007). Ademais, a ênfase nas narrativas que estão sendo construídas em textos, e para além deles, nos permite buscar os motivos potenciais das escolhas únicas e repetidas e nos encoraja a ter uma visão mais abrangente do contexto político e social da interação.

A teoria narrativa também enseja a superação de uma teorização, também muito difundida, que descreve e avalia traduções a partir de uma dicotomia ou uma taxonomia de estratégias, com ou sem a consideração das implicações éticas dessas estratégias. A dicotomia provavelmente mais conhecida e mais controversa ultimamente é a distinção, de Lawrence Venuti, entre estratégias estrangeirizadoras e domesticadoras (Venuti, 1993, 1995). Apesar de sua importância, a dicotomia de Venuti recebeu também muita crítica de diferentes abordagens (Gentzler, 2002; Shamma, 2005, 2009; Tymoczko, 2000). Sob a ótica deste estudo, seu problema principal está no fato de, como todas as dicotomias, ser demasiadamente reducionista. Mais especificamente, a classificação de traduções como ‘estrangeirizadoras’ ou ‘domesticadoras’ termina obscurecendo a variação intrínseca de posicionamentos que um tradutor pode adotar diante de desafios e estratégias diferentes (Baker, 2007). A análise de traduções autênticas revela frequentemente que tradutores podem oscilar dentro do mesmo texto entre as escolhas que Venuti consideraria domesticadoras ou estrangeirizadoras. É importante ressaltar que essa oscilação serve a uma finalidade no mundo real — ela não é aleatória nem incoerente.

6

Tipos de Narrativa

As narrativas são as histórias que contamos a nós mesmos e a outros sobre o(s) mundo(s) em que vivemos. Essas histórias fornecem a nossa principal interface com o mundo. Considero, consoante a teoria adotada neste artigo, quatro tipos de narrativa: pessoal, pública, disciplinar e metanarrativa (Baker, 2006).

As narrativas pessoais, como o termo sugere, são as narrativas dos indivíduos, que estão geralmente situados no centro da narração, ou seja, o indivíduo é o tema da narrativa. Entre essas, estão as narrativas efêmeras que trocamos com nossa família e colegas quando eles nos perguntam o que fizemos ou como nos sentimos em uma ocasião específica, narrativas que contamos a nós mesmos e a outros sobre quem somos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor e as

narrativas de figuras públicas tais como Nelson Mandela, Edward Said ou Ilan Pappé, cujas vidas despertam grande interesse. As biografias, incluindo as autobiografias, são todas do tipo pessoal.

As *narrativas públicas*, por sua vez, são elaboradas pelas formações sociais e institucionais por meio das quais circulam, e são consideradas maiores do que o indivíduo, tais como a família, a instituição religiosa ou educacional, um grupo político ou ativista, a mídia, a nação e entidades maiores. As narrativas elaboradas pelo MEMRI e grupos similares são todas públicas nesse sentido.

Há uma determinada sobreposição entre as narrativas pessoais e as públicas e, de fato, entre todos os tipos de narrativa. A narrativa de Edward Said é tanto pessoal como pública: pessoal porque é sobre um indivíduo específico e pública porque é compartilhada e elaborada por muitos grupos e indivíduos. Ao mesmo tempo, nenhuma narrativa pessoal pode ser elaborada meramente pelo indivíduo central da narrativa: nossa própria narrativa não é inteiramente nossa porque outros contribuem para elaborá-la, e a maneira como eles contam a nossa história se torna inevitavelmente parte dessa narrativa.

As narrativas pessoais e públicas são extremamente interdependentes em outro sentido: os indivíduos não podem narrar-se em um vácuo mas devem recorrer a narrativas públicas para desenvolver e legitimar o seu sentido de si próprio, e as narrativas públicas só podem persistir e ganhar legitimidade se um número suficiente de indivíduos estiver disposto a subscrevê-las e narrar a si mesmos em consonância com os valores e crenças nelas contidas. Além disso, assim como as narrativas públicas dominantes, por exemplo aquelas que descrevem muçulmanos britânicos como o inimigo, uma ameaça ao "nosso" estilo de vida, podem restringir e frustrar o sentido de si próprio de indivíduos, as narrativas pessoais podem ser tecidas em narrativas públicas para gerar uma série de efeitos, incluindo empatia, e reforçar estereótipos de uma comunidade. O seguinte trecho de um e-mail compartilhado pelo grupo ativista CODEPINK em 19 de fevereiro de 2010 e assinado por Gayle Brandeis é um bom exemplo de como a adoção de uma narrativa pessoal pode gerar empatia e fortalecer uma narrativa pública:

Enquanto escrevo isso, *meu bebê de três meses está com pneumonia* [ênfase adicionada no original]. Ele está bem, diante das circunstâncias, mas corta meu coração vê-lo passar por qualquer sofrimento. Minha mãe se suicidou uma semana depois do nascimento do bebê e me sinto tão vulnerável agora, à mercê de perdas potenciais. *Neste estado de*

vulnerabilidade, as últimas notícias sobre o Afeganistão assustam muito [ênfase adicionada no original].

No último fim de semana, *doze membros de uma família afegã, incluindo seis crianças, foram mortos durante a ofensiva da OTAN no Afeganistão, em Marjah* [ênfase adicionada no original]. Como eu me agarro à dor por causa da morte da minha mãe, assim como me preocupo com meu bebê doente, não consigo compreender a dor daqueles afetados por essa enorme perda. O Comandante da OTAN, general Stanley McChrystal dos E.U, desculpou-se ao presidente Karzai, mas como suas palavras podem significar mais do que algo frio e vazio para aqueles que foram esquecidos?

8 Hijazi Al-Sharif (2009) ilustra como uma narrativa pessoal pode reforçar estereótipos. Ela examina uma série de notícias do MEMRI que tratam de Hanadi Jaradat, uma jovem advogada da Palestina que se explodiu em outubro de 2003 no restaurante Maxim, em Haifa. Sua análise demonstra como episódios importantes de uma narrativa pessoal elaborados por uma instituição poderosa podem ser omitidos para reforçar uma narrativa pública maior, neste caso a de que os Palestinos são inclinados à violência porque o Islamismo ensina-lhes a martirizar-se. Isso significa que o conflito é mais motivado por questões religiosas do que por desavenças políticas. Hijazi argumenta que a elaboração dessa narrativa pessoal do MEMRI denigre a imagem humana de Jaradat e a apresenta como se fosse o próprio diabo, em parte por não mencionar que suas ações foram motivadas por uma série de eventos que a deixaram traumatizada, incluindo o assassinato de seu irmão e de seu noivo por soldados israelenses.

As narrativas disciplinares têm como objeto central de investigação um campo acadêmico: esta revista científica dedica-se à elaboração de uma série de narrativas temáticas sobre o terrorismo, da mesma forma como pesquisadores na área da medicina elaboram as narrativas sobre o corpo humano e pesquisadores na área da tradução elaboram narrativas sobre várias formas de mediação interlinguística. O limite entre narrativas disciplinares e públicas, como aquele entre as narrativas pessoais e públicas, é indefinido. Muitas narrativas disciplinares têm influência considerável na vida pública e podem fazer parte da narrativa de mundo de leigos em uma sociedade. A teoria da evolução é um bom exemplo, assim como as várias narrativas de mudança climática que permeiam nossas vidas atualmente.

Por último, as *metanarrativas* são particularmente as narrativas públicas fortes que persistem durante longos períodos e influenciam a vida das pessoas em diversos domínios. É difícil traçar um limite entre a narrativa pública e a metanarrativa, mas bons exemplos de metanarrativas são a Guerra Fria e as várias narrativas religiosas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo, devido a seu alcance temporal e espacial. A narrativa da chamada Guerra ao Terror, como aquela da Guerra Fria, pode dominar durante um período relativamente curto se comparada ao Islamismo por exemplo, mas seu impacto no cotidiano dos povos pelo mundo propicia-lhe o tipo de poder e senso de inevitabilidade que justificam considerá-la uma metanarrativa. Por fim, a teoria narrativa reconhece que onde escolhemos delinear os limites, incluindo os limites entre as categorias teóricas, é parte da narrativa de mundo que estamos constantemente construindo para nós mesmos e para os outros.

Como as Narrativas São Construídas e Moldadas

A teoria narrativa supõe que, para elaborar uma narrativa coerente, é inevitável que elementos da experiência sejam ora excluídos, ora privilegiados. Assim, todas as narrativas são construídas de acordo com critérios de avaliação que permitem e norteiam uma *apropriação seletiva* de uma série de eventos ou de elementos inacabados que se sobrepõem e que constituem nossa experiência. O conceito de apropriação seletiva cobre também maneiras de identificar os protagonistas e não apenas o primeiro plano dos eventos ou de partes dos eventos. Assim, por exemplo, um estudo recente da mídia britânica verificou que “os muçulmanos são geralmente identificados simplesmente *como* muçulmanos, além de ser muito menos provável, se comparados aos não-muçulmanos, de os muçulmanos serem identificados pelo seu trabalho ou sua profissão, e ser ainda muito mais provável não receberem um nome ou uma identificação” (Moore et al., 2008, p. 4). A apresentação do primeiro plano e do plano de fundo seletivos dos indivíduos, dos grupos e das características atribuídas a eles é parte da composição dos personagens que têm um papel específico na construção de uma narrativa maior. A apropriação seletiva, particularmente importante neste estudo, na qual a escolha de que voz, que textos e que extratos desses textos serão traduzidos e ‘representarão’ os valores e o *éthos* das comunidades em questão, é tão importante quanto a exatidão como as traduções são feitas para o inglês e para as outras línguas.

As narrativas também têm padrões distintos de *narratividade causal*. A narratividade causal dá significado a acontecimentos independentes; somente quando esses eventos estão

inseridos em uma narrativa, eles passam a ter um significado narrativo. Traçar essa narratividade, conseqüentemente, “permite-nos *ponderar* e *explicar* eventos em vez de apenas listá-los, transformar uma série de proposições em uma sequência inteligível sobre a qual podemos formar uma opinião” (Baker, 2006, p. 67). Um padrão interessante de narratividade causal, gerado pelas narrativas que circulam na mídia britânica recentemente com ligação ao conflito da Palestina/Israel, é relatado pelo Grupo de Mídia de Glasgow (Philo & Berry, 2004), que entrevistou uma amostra grande de 800 adultos britânicos e descobriu, entre outras coisas, que

as pessoas que apenas veem notícia pela tevê e que não têm aparentemente grande interesse no assunto eram mais propensas a acreditar que o número de vítimas era mais ou menos igual *ou que tudo havia sido patrocinado por Israel* [ênfase adicionada] (Philo & Berry, 2004, p. 236).

10 Chegou-se a essa conclusão pela maneira como os episódios individuais do conflito eram narrados nas notícias, incluindo o relato do número de vítimas de cada lado. Essas narrativas individuais dos eventos, juntas e não separadas, constroem um padrão de enredo associado ao conflito da Palestina/Israel, que é familiar aos telespectadores (e leitores) da mídia norte-americana e europeia.

As narrativas são caracterizadas pela sua *temporalidade*, o que significa que estão inseridas no tempo e no espaço e muito do seu significado origina-se do momento e do local da narração. A narrativa conhecida do sectarismo, que descreve muçulmanos como pertencendo a uma das duas seitas em conflito (Shia ou Sunni), incapazes de viver em paz, é um produto das guerras e das invasões recentes que varreram a parte muçulmana do Oriente Médio, particularmente a invasão do Iraque de 2003. Packer entrevistou tradutores e intérpretes no Iraque que trabalham para as Forças Armadas dos E.U.A. e confirmou, a partir desse trabalho de campo extensivo, que “praticamente nenhum iraquiano poderia ter imaginado a pergunta estarrecedora ‘você é um Sunni ou um Shia?’ antes da invasão” (Packer, 2007). Nesse novo ambiente narrativo, incidentes individuais que podiam ter sido descritos há 10 ou 20 anos simplesmente como divergências entre vizinhos ou exemplos de vingança pessoal são interpretados agora, com frequência, como evidência do crescimento do sectarismo. Outra faceta da *temporalidade* concerne à organização temporal e espacial dos elementos que constituem a narrativa. Os eventos são raramente relatados

na ordem em que ocorreram, especialmente na mídia, e a maneira como o tempo, a sequência e o ajuste espacial são usados para construir uma narrativa diz conseqüentemente muito por si só.

Finalmente, a *relacionalidade*, outra característica da narrativa, significa que os eventos individuais (e os elementos dentro de um evento) não podem fazer sentido por si só, mas somente enquanto constituem elementos de uma narrativa mais ampla. Assim, por exemplo, o conceito de martírio tem um valor muito diferente dependendo se faz parte de uma narrativa contemporânea do ‘Jihad’ islâmico ou da narrativa de perseguição aos cristãos no século I. Como esse exemplo demonstra, os significados e os valores variam consideravelmente haja vista o contexto temporal e espacial da narração.

O conceito de ‘enquadre’ inclui o de narrativa mas é distinto o suficiente desse para ser útil como uma ferramenta complementar de análise — especificamente em termos de demonstrar como ‘a mesma’ narrativa pode ser enquadrada de maneiras muito diferentes por narradores diferentes. Assim como a moldura que enquadra uma fotografia ou uma pintura pode influenciar a maneira que nós a experimentamos, mas permanece subordinada a ela, o conceito de enquadre é subordinado àquele da narrativa. Porém, os enquadres podem multiplicar as narrativas; podemos pensar na interação entre enquadres e narrativas, como uma rede cuja trama pode ter várias combinações que eventualmente se repetem. Assim, por exemplo, a imagem da capa de uma edição inglesa do livro *The Clash of Civilizations*, de Samuel Huntington (1996), mostra o título em amarelo contrastando com um fundo preto, com uma cruz (simbolizando o Cristianismo) no alto, uma lua crescente (simbolizando o Islamismo) embaixo, ambos da cor cinza, e ainda uma estrela vermelha que separa a primeira parte do título (*The Clash of Civilizations*) do resto (*and the Remaking the World Order*). A interpretação mais óbvia da estrela vermelha é como um símbolo do comunismo, principalmente porque a capa traz também a seguinte citação de Henry Kissinger na parte inferior, impressa também em vermelho como a estrela: ‘Um dos livros mais importantes que surgiu desde o fim da Guerra Fria’. A cor vermelha também simboliza perigo. A capa funciona como um enquadre que antecipa e dá suporte à nossa interpretação da narrativa elaborada no livro: o islamismo substituiu o comunismo como uma ameaça nova às democracias ocidentais. Ao mesmo tempo, pode-se interpretá-la como uma narrativa por si só, uma versão compacta da narrativa elaborada na obra (Baker, 2008).

A partir de ambos os conceitos ‘narrativa’ e ‘enquadre’, faço a seguir uma análise de uma série de dados conectados com a ‘indústria’ de construir o conhecimento sobre comunidades árabes

e muçulmanas com a tradução. Assim como as análises tentarão demonstrar, uma das qualidades da teoria narrativa encontra-se no fato de que não somos incentivados a tomar qualquer decisão tradutória específica de forma aleatória, que não teria implicações no mundo real. Ela tampouco nos incentiva a considerar uma certa escolha (como *Jihad* versus ‘Guerra Santa’) como uma norma geral, abstrata, ligada a outras escolhas abstratas tais como favorecer empréstimos linguísticos ou escolher estruturas sintáticas próximas ao do texto-fonte. A teoria narrativa requer que façamos preferivelmente escolhas conscientes como parte de um mosaico maior que está incorporado e que contribui à elaboração de uma realidade política concreta.

A Renarração do MEMRI de Comunidades Árabes e Muçulmanas

O MEMRI é um grupo de defesa pró-Israel,⁶ estabelecido em fevereiro de 1998 pelo coronel Yigal Carmon,⁷ ex-membro do serviço de inteligência de Israel (Whitaker, 2002).⁸ O MEMRI define a sua narrativa pública como sendo um grupo independente e apartidário e refere-se repetidamente à metanarrativa da 'Guerra ao Terror' ao considerar-se um agente principal na luta contra o terrorismo. Por exemplo, uma seção incluída recentemente em seu *website*, intitulada 'E-Tributes' (tributos eletrônicos), permite que seus apoiadores doem uma quantia em dinheiro e enviem um cartão eletrônico a seus familiares e amigos para informá-los de sua doação. O início dessa página diz o seguinte:

Durante 10 anos o MEMRI dedicou-se a apresentar ao Ocidente reformistas do mundo árabe e muçulmano, expor o antissemitismo na mídia árabe e muçulmana, pesquisar sobre a ideologia islâmica e as organizações islâmicas que ameaçam o ocidente, promover maior compreensão e consciência da mídia no Oriente Médio e ajudar aqueles que estão lutando contra a Guerra ao Terror.

O início de outra seção do site, intitulada 'Jihad and Terrorism Threat Monitor' (JTTM) — Jihad e monitoramento da ameaça do terrorismo — reforça a mesma mensagem:⁹

A seção JTTM do MEMRI investiga o terrorismo islâmico no mundo, com foco especial no mundo árabe, Irã, Paquistão e Afeganistão. Ao monitorar a ameaça estratégica, tática, ideológica, militar, convencional e não-convencional à segurança pública, tanto iminente

como potencial, e aos interesses e patrimônios de países visados pelo terrorismo, o grupo permite às pessoas sob ameaça lidar e confrontar essas ameaças de forma eficaz.

O grupo MEMRI também estabelece uma conexão com a metanarrativa da ‘Guerra ao Terror’ ao alinhar-se com muitos dos arquitetos e defensores fiéis da chamada luta contra o terrorismo. Fazem parte do seu Conselho de Diretores o ex-assessor especial de George W. Bush, Elliott Abrams, e Oliver Revell, ex-membro do *Senior Review Group* da Força-Tarefa contra o Terrorismo do Vice-Presidente; o seu Conselho de Conselheiros é composto por James Woolsey, John Bolton, John Ashcroft, Ehud Barak e Jose Maria Aznar, ex-primeiro-ministro da Espanha.¹⁰

A página ‘About us’ do MEMRI, revisada várias vezes ao longo dos anos, apresenta observações interessantes sobre a natureza das narrativas que promove e a maneira como usa a tradução para construir essas narrativas. Desde o início de sua preparação, a página apresenta os objetivos e as atividades do MEMRI, como a seguir:

O Middle East Media Research Institute (MEMRI), instituto de pesquisa da mídia do Oriente Médio, investiga o Oriente Médio através dos meios de comunicação da região (tanto impressos como televisivos), websites, sermões religiosos e livros escolares. MEMRI constrói uma ponte linguística entre o Ocidente e o Oriente Médio, *apresentando traduções oportunas da mídia em árabe, farsi, urdu, pachto, dari, hindi e turco* [ênfase adicionada], assim como análise da tendência política, ideológica, intelectual, social, cultural e religiosa no Oriente Médio.

Fundado em fevereiro 1998 para instruir o debate sobre a política americana no Oriente Médio, o grupo MEMRI é uma organização independente, apartidária e sem fins lucrativos 501 (c) 3. A sede do MEMRI fica em Washington (DC), com escritórios filiais em Londres, Roma, Jerusalém, Bagdá, Shanghai e Tóquio. As pesquisas e *traduções* [ênfase adicionada] do MEMRI *são publicadas em diversas línguas: inglês, francês, espanhol, alemão, italiano, polonês, russo, chinês, japonês e hebraico* [ênfase adicionada].

Ressalte-se que na versão atual, assim como nas anteriores da página 'About us', o MEMRI informa que mantém escritórios em várias partes do mundo, incluindo Jerusalém, mas surpreendentemente em nenhum dos países dos quais reúne material a ser traduzido (os países

árabes, Irã, Turquia, Afeganistão e Paquistão). A única exceção — e uma inclusão recente, em 2008, é Bagdá, capital de um país que permanece sob ocupação americana. As línguas-fonte, em particular, relacionadas ao 'Oriente Médio' e de interesse do MEMRI, são o árabe, persa (denominada hoje farsi pelo MEMRI), urdu, pachto, dari, hindi e turco. O hebraico, uma outra língua falada no Oriente Médio, não faz atualmente parte das línguas fontes. Entretanto, uma das versões mais antigas da página 'About us' do MEMRI, referida em Baker (2006, p. 74), incluía o turco como língua-alvo e não língua-fonte e o hebraico (e não o árabe ou persa/farsi) em ambas as categorias:

O Middle East Media Research Institute (MEMRI) investiga o Oriente Médio a partir da mídia da região. O MEMRI constrói uma ponte linguística entre o Ocidente e o Oriente Médio, apresentando *traduções oportunas da mídia em árabe, farsi e hebraico* [ênfase adicionada], assim como análise da tendência política, ideológica, intelectual, social, cultural e religiosa no Oriente Médio.

Fundado em fevereiro 1998 para instruir o debate sobre a política americana no Oriente Médio, o grupo MEMRI é uma organização independente, apartidária e sem fins lucrativos 501 (c) 3. A sede do MEMRI fica em Washington, D.C., com escritórios em Berlim, Londres, Jerusalém, locais onde o MEMRI também mantém seu Centro de Mídia. A pesquisa do MEMRI é *traduzida para o inglês, alemão, hebraico, italiano, francês, espanhol, turco e russo* [ênfase adicionada].

Uma versão posterior dessa mesma página, em 2006, incluía o *árabe, persa e turco* como línguas-fonte e o *inglês, alemão, hebraico, italiano, francês, espanhol e japonês* como línguas-alvo. O japonês foi considerado língua-alvo nesse momento; o russo foi retirado da lista, mas incluído outra vez como língua-alvo, juntamente com o chinês, em março 2007. A Tabela 1 destaca a evolução da narrativa pública do MEMRI referente ao terrorismo e à segurança expressa por meio da escolha de línguas-fonte e línguas-alvo de tradução. Essas escolhas refletem um aspecto do padrão de apropriação seletiva e narratividade causal que caracteriza a narrativa pública geral do terrorismo e segurança elaborada pelo MEMRI: a escolha de quais línguas, e se são atribuídas à categoria de língua-fonte ou à categoria de língua-alvo, gera implicações para a nossa compreensão da relação entre os protagonistas representados por essas línguas.

O padrão da apropriação seletiva evidente na escolha de língua-fonte e de língua-alvo aqui (para não mencionar a localização dos escritórios) constrói uma narrativa que divide o mundo em dois campos: aqueles que representam uma ameaça às sociedades democráticas progressivas e, nesse sentido, precisam ser monitorados de perto (via tradução), e aqueles que carregam o peso de monitorar essas fontes de ameaça à segurança para proteger o mundo ocidental civilizado, inocente e democrático contra as atividades terroristas. A categoria de línguas-fonte inclui sociedades que são consideradas origem da ameaça nessa narrativa; a categoria de línguas-alvo inclui aquelas que devem policiar o mundo e lutar contra o terrorismo.

Isso, por sua vez, ativa um padrão específico de narratividade causal que caracteriza a narrativa ampla do MEMRI. O grupo de línguas-fonte, que representa os protagonistas que são uma ameaça ao mundo livre, é inserido em uma narrativa como o agressor, e o grupo de línguas-alvo, que representa os protagonistas que estão sob a ameaça do primeiro grupo, é considerado vítima. A questão é que nos países invadidos, tais como Iraque ou Afeganistão, ou nos países bombardeados, como Líbano ou Gaza, as vítimas estão apenas *respondendo* à agressão voltada a eles. A culpa é dirigida diretamente ao grupo da língua-fonte. Esses são os povos que iniciaram a violência, aqueles quem deveríamos condenar.

Tabela 1

Narrativa evolutiva do MEMRI referente ao terrorismo e à segurança (quatro versões da página 'About us')

Línguas-fonte (a serem monitoradas)	Línguas-alvo (a realizar o monitoramento)	Data aproximada
Do árabe, farsi e hebraico	Para o inglês, alemão, hebraico, italiano, francês, espanhol, turco, russo	1999
Do árabe, persa e turco	Para o inglês, alemão, hebraico, italiano, francês, espanhol, japonês	2006
Do árabe, persa, turco, urdu e pachto	Para o inglês, alemão, hebraico, italiano, francês, espanhol, russo, chinês e japonês	Março de 2007
Do árabe, farsi, urdu, pachto, dari, hindi, turco	Para o inglês, chinês, francês, alemão, hebraico, italiano, japonês, russo, polonês e espanhol	Fevereiro de 2010

A relacionalidade, uma característica inerente em todas as narrativas, está em atuação também aqui. Cada língua recebe um valor específico em razão de seu posicionamento na narrativa. Toda a mudança de posição nessa narrativa, da língua-alvo à língua-fonte, sinaliza uma mudança, ou uma tentativa de efetuar a mudança, na realidade política. A Turquia foi incluída no início (quando apareceu como língua-alvo) como parte do mundo democrático e civilizado, com a

função de monitorar as fontes de ameaça à segurança. Esse país foi agora incluído no grupo de línguas-fonte, talvez porque seja menos simpático aos Estados Unidos e a Israel do que antes. A inclusão do hebraico como língua-fonte no início pode ter tido o objetivo de sinalizar equilíbrio de cobertura e mascarar a agenda do MEMRI pró-Israel, mas o fato de ser a única língua a aparecer em ambas as categorias (fonte e alvo) nos leva a indagar a natureza da narrativa que está sendo construída desde o começo. A inclusão como língua-fonte e língua-alvo, e a exclusão de outras línguas do grupo alvo, sugere que os falantes dessas outras línguas-fonte não necessitam de informação sobre o que acontece em outras partes do mundo. Diferentemente do hebraico, elas precisam apenas de ser monitoradas.

Como pode ser lido na descrição de suas atividades, a tentativa bem-sucedida do MEMRI de narrar países árabes e muçulmanos como os principais culpados na metanarrativa da 'Guerra ao Terror' depende essencialmente da atividade de tradução. O fundador do MEMRI, Yigal Carmon, deixou essa questão clara em um debate com Brian Whitaker em janeiro de 2003: "o monitoramento da mídia árabe é muito trabalho para apenas uma pessoa", ele explicou; temos uma equipe de 20 tradutores fazendo isso."¹¹ Esses tradutores buscam principalmente material de fontes árabes e iranianas (jornais, programas de tevê, discursos políticos, sermões em mesquitas e livros didáticos) e realizam a tradução nas línguas definidas pelo MEMRI como as guardiãs do mundo livre em qualquer momento. As traduções são publicadas no site do MEMRI. As pessoas e as instituições em qualquer lugar no mundo podem se inscrever, sem custo, para receber regularmente esse material em uma das línguas-alvo indicadas pelo MEMRI. O MEMRI, sobretudo, envia traduções não solicitadas de materiais selecionados aos membros do congresso americano e a jornalistas de várias partes do mundo, sem cobrar nada. Brian Whitaker alertou leitores britânicos do *The Guardian* a respeito das generosas contribuições do MEMRI à mídia em 2002:

Há algum tempo venho recebendo pequenos presentes de um generoso instituto nos Estados Unidos. Os presentes são traduções de alta qualidade de artigos da imprensa árabe, enviados semanalmente pelo instituto via e-mail, sem cobrar nada. Os e-mails são também enviados a políticos e a especialistas, assim como a um grande número de jornalistas. As histórias trazidas são em geral interessantes... Quando recebo um e-mail do instituto, vários outros colegas do *Guardian* também o recebem e regularmente me encaminham cópias, às vezes com nota sugerindo a leitura e possível abordagem do tema.

As histórias que o MEMRI seleciona para a tradução, afirma Whitaker, "seguem um padrão conhecido: ou depreciam o caráter dos árabes ou promovem a agenda política de Israel" (Whitaker, 2002). Harris (2003) reconhece o mesmo padrão de apropriação seletiva, observando que o "MEMRI se propõe a publicar excertos seletivos e descontextualizados da imprensa árabe, os quais podem apresentar os oponentes de Israel como extremistas ou antissemitas religiosos". O ex-prefeito de Londres, Ken Livingstone, descreve o MEMRI como "uma organização com financiamento robusto, que se especializa em buscar citações da mídia árabe para a circulação no ocidente. A tradução e a seleção das citações tendem a apresentar o Islã em uma perspectiva muito negativa" (Livingstone, 2005, p. 4).

A influência do MEMRI, particularmente sobre políticos e a mídia, é amplamente reconhecida. Thomas Friedman, renomado colunista do *New York Times*, frequentemente cita o MEMRI como fonte de informação (ver, por exemplo, Friedman, 2005, 2006). As traduções do MEMRI foram consideradas até mesmo como fonte principal de 'provas' em dossiê encaminhado à Polícia Metropolitana de Londres em 2004, com o intuito de pedir a expulsão do Dr. Yusuf al-Qaradawi da Grã-Bretanha (Baker, 2006, p. 75). O Dr. al-Qaradawi, um renomado acadêmico muçulmano, tinha sido convidado àquela época para falar em uma conferência ecumênica organizada pelo prefeito de Londres. A controvérsia foi muito debatida na imprensa britânica e, de acordo com a *BBC News* (7 de julho de 2004), o Conselho Muçulmano da Grã-Bretanha, em resposta, "acusou seções da mídia de conduzir uma campanha de 'assassinato de personalidade' contra o Dr. al-Qaradawi".

Os relatórios de imprensa sobre o trabalho do MEMRI, orgulhosamente citados pelo MEMRI em seu site em anos anteriores,¹² confirmam a análise de Whitaker, de Harris e de Livingstone em relação ao tipo de narrativa que as traduções do MEMRI procuram promover por meio da cuidadosa apropriação seletiva:

O MEMRI, o imprescindível grupo que traduz os desvarios da imprensa saudita e egípcia...
Weekly Standard, 28 de abril de 2003

Admiro demais o trabalho do MEMRI... Em sua busca dedicada para expor o antissemitismo árabe. Até o MEMRI empreender esforços para revisar e traduzir artigos da imprensa árabe, apenas um público reduzido tinha consciência desse problema nos

Estados Unidos. Graças ao MEMRI, esse fenômeno vergonhoso foi desmascarado, e vários escritores americanos alertaram o público para isso. *US Rep. Tom Lantos, 1 de maio de 2002*

www.memri.org — O que eles fazem é muito simples, nenhum comentário, nada mais. O que eles fazem é traduzir o que os sauditas dizem nas mesquitas, nos jornais, nos pronunciamentos do governo, na imprensa. *1 de outubro de 2002, BBC*

Como observado no início deste artigo, o MEMRI tem muito cuidado com a exatidão de suas traduções, porque sua credibilidade pode facilmente ser prejudicada se seus oponentes identificarem e divulgarem uma lista dos erros nessas traduções, sejam esses erros apresentados de modo proposital ou não. Em vez de manipular trechos específicos do texto na tradução, o grupo concentra-se na exploração do aspecto narrativo da apropriação seletiva, escolhendo traduzir os piores exemplos possíveis do discurso árabe, iraniano e muçulmanos. Isso serve para ativar um padrão de narrativa causal que caracteriza os árabes e muçulmanos como extremistas e ameaçadores e assim culpados da violência testemunhada no Líbano, Gaza, Iraque, Guantánamo e em outros lugares.

18

O MEMRI fortalece essa narrativa pública ao reunir as suas traduções sob títulos condenatórios. Os títulos, que agem como enquadres poderosos que indicam a culpa dos protagonistas descritos como fonte da ameaça, são o 'Projeto de Documentação do Antissemitismo', o 'Projeto de Estudos sobre o Jihad e o Terrorismo' e o 'Projeto de Monitoramento de Websites Islâmicos'. Essas categorias e outras semelhantes formam o imenso arquivo de traduções disponíveis no site.¹³ A escolha e organização, tal como a escolha da língua-fonte e da língua-alvo, estabelecem um padrão de relacionalidade no qual elementos díspares, tais como o Islã, o terrorismo e o antissemitismo (o último, um fenômeno associado tradicionalmente com a Europa e não com o mundo muçulmano), passam a ser descritos como se fossem estreitamente conectados e mais bem compreendidos como aspectos do mesmo fenômeno. Outros títulos, tais como os 'EUA e o Oriente Médio' e 'Conflito Árabe-Israel' alinham de modo sutil os Estados Unidos com Israel, colocando os demais países do Oriente Médio, inclusive os países árabes, no lado oposto. Uma seção é intitulada 'Reforma no mundo árabe e muçulmano', mas não há seção intitulada 'Reforma em Israel' ou 'Reforma nos EUA', sugerindo outra vez em termos de narrativa causal, que a culpa é dos países árabes e muçulmanos. Sob esse título, o MEMRI

apresenta traduções de textos escritos por escritores designados como 'reformistas': poucas vozes dos países árabes e muçulmanos que lutam pela liberdade de pensamento, direitos das mulheres e causas semelhantes. A ocasional seleção 'cosmética' de uma fonte não extremista serve para dar uma aparência de equilíbrio à cobertura do MEMRI, ao mesmo tempo que reforça a apresentação dos países árabes e muçulmanos como um criadouro do extremismo que suprime as poucas vozes sãs na região, as quais estão recebendo espaço de forma magnânima no site americano com conexões fortes com Israel.

Uma rápida leitura do conteúdo de uma dessas seções, o 'Projeto de Documentação do Antissemitismo', permite observar algumas das formas pelas quais o MEMRI constrói as suas narrativas públicas das comunidades árabes e muçulmanas. O título da seção é o seguinte:

Esta seção do website do MEMRI registra os boletins de imprensa, os editoriais e outras fontes da mídia em *árabe* [ênfase adicionada] que se concentram especialmente em temas antissemitas. Nos últimos anos, o *antissemitismo árabe* [ênfase adicionada] tornou-se um catalisador principal de incidentes antissemitas no mundo como um todo.

19

Além disso, essa página apresenta regularmente traduções de fontes não árabes, especialmente de jornais e televisão iranianos. A seguir, são apresentados exemplos de alguns dos títulos/links para as traduções que estão nesta seção do site em 20 de outubro de 2009 (a fonte não árabe é destacada em negrito em cada caso):

Boletim especial – No. 2108 – Projeto de Documentação do Antissemitismo – 9 de novembro de 2008 Diretor de **Séries da Televisão iraniana** 'Secret of Armageddon' (O segredo de Armagedon) Comenta as Traduções do MEMRI de Séries de Televisão; Confirma os 'Protocolos dos Veteranos de Zion'; Declara que a 'Descoberta da América por Colombo foi Possível pelo Dinheiro de Aristocratas Judeus' — Aqueles que Pensaram que a América fosse a Terra Prometida

Boletim especial – No. 2095 – Projeto de Documentação do Antissemitismo – 27 de outubro de 2008 Relatórios do **Canal de Notícias Iraniano IRINN** sobre o Recém-Publicado **Livro Iraniano**, 'The Great Distortion Of The Historical Event Called The

Holocaust, Using The Art Of Satire' (A grande distorção do evento histórico chamado o Holocausto, com o uso da sátira)

Boletim especial – No. 1975 – Projeto de Documentação do Antissemitismo – 2 de julho de 2008 'The Secret of Armageddon' (O segredo de Armagedon) – **Séries da Televisão Iraniana** Confirma os Protocolos dos Veteranos de Zion, Promove as Teorias de Conspiração, Declara que os Judeus estão Planejando o 'Genocídio da Humanidade' e os Judeus Iranianos, Comunidades Baha'i, estão Planejando o Controle do Irã

Investigação e análise – No. 445 – Projeto de Documentação do Antissemitismo – 30 de maio de 2008 Nos Sermões das Sextas-feiras no **Paquistão**, os Clérigos Islâmicos Acusam a Rede Judaico-Qadiani de Conspirar contra o Islã. Por Tufail Ahmad

Boletim especial – No. 1748 – Projeto de Documentação do Antissemitismo – 25 de outubro de 2007 O **Presidente Iraniano** Ahmadinejad Reitera a Proposta do 'Estado Zionista' no Canadá ou Alasca, Recomenda que o Comitê Internacional dos *Truth-Seekers* (aqueles que buscam a verdade) Analise o Holocausto, 11/9

20

É interessante observar a desconexão entre o título dessa seção, que fala especificamente do 'antissemitismo árabe' e as fontes de grande parte das informações geralmente incluídas. Essa desconexão revela a tentativa constante do MEMRI de buscar confundir a distinção entre países árabes e Irã, assim como confundir reiteradamente a distinção entre 'árabe' e 'muçulmano' em situações convenientes para indicar que a região inteira está alinhada com muçulmanos fanáticos e para associar o Islã propriamente dito com o terrorismo.

Essa confusão das distinções entre árabes e iranianos, entre língua árabe e persa e entre as categorias 'árabe' e 'muçulmano' nas produções do MEMRI alimenta uma das maiores narrativas públicas elaboradas de modo meticuloso por esse grupo nas suas traduções, comentários e enquadres montados em seus diversos 'boletins'. Essa narrativa descreve o conflito na Palestina/Israel como, em última instância, um conflito religioso entre judeus e muçulmanos, ao invés de um conflito político por território e recursos. A atribuição do antissemitismo aos árabes e aos muçulmanos e a descrição do que chama o *Antissemitismo árabe* como 'um catalisador principal de incidentes antissemitas em todo o mundo' também promovem essa narrativa maior de uma 'guerra religiosa', abastecida por um ódio irracional aos judeus do que pela resistência a uma

agenda colonialista zionista que deliberadamente enfraquece a distinção entre 'judeu' e 'natural ou habitante de Israel'.

O título de um dos artigos sob o 'Projeto de Documentação do Antissemitismo' no mesmo dia diz o seguinte:

Boletim especial – No. 2014 – Projeto de Documentação do Antissemitismo – 5 de agosto de 2008 Membros da *Egyptian Unique Moustache Association* (associação egípcia do bigode singular): Respeitamos o bigode de Hitler porque ele humilhou a seita mais desprezível do mundo

A escolha da fonte – *Egyptian Unique Moustache Association* – é cômica e revela a extensão da capacidade do MEMRI de buscar material que pode ser usado para demonizar as comunidades árabes e muçulmanas. Ao reconhecer que todas as histórias são representações seletivas da realidade, Bennett e Edelman (1985, p. 164) explicam que “a questão da seletividade é se uma representação remete uma realidade emergente a questões estereotípicas, ou se insere novas informações, tais como dilemas não familiares, enigmas e contradições que promovem o pensamento crítico e conscientização para a resolução do problema”. Os autores consideram que “a maioria das fórmulas políticas não apresenta o pensamento crítico e a ação, e os substituí por ideias de realização pessoal e por uma inevitável propensão a ações habituais” (Bennett & Edelman, 1985, p. 164).

Isso certamente ocorre quando o MEMRI seleciona de forma deliberada material que representa os árabes e muçulmanos como extremistas, antissemitas e uma ameaça às democracias ocidentais.

A apropriação seletiva deliberada é uma característica que ambos os lados de um conflito podem explorar de forma mais ou menos efetiva, dependendo dos recursos disponíveis. Em seu artigo no *Guardian*, Brian Whitaker (2002) propôs que os árabes deveriam também usar a tradução para contra-atacar esses tipos de programas de demonização:

No que concerne às relações entre o Ocidente e o mundo árabe, a língua é uma barreira que perpetua a ignorância e pode facilmente ampliar a falta de compreensão...Basta um grupo

pequeno mas ativo de defesa à Israel para explorar essa barreira em proveito próprio e começar a mudar as percepções ocidentais dos árabes...

Não é difícil prever o que os árabes poderão fazer para se opor a isso. Um grupo de empresas da mídia árabe poderia se unir e publicar traduções de artigos que refletem de forma mais clara o conteúdo de seus jornais.

Cerca de um ano depois, uma organização chamada *Arabs Against Discrimination* (Árabes contra a Discriminação — AAD na sigla em inglês) foi organizada quase como uma resposta direta à sugestão de Whitaker. O site dessa organização parece não estar mais disponível, mas, durante o tempo em que durou, a tradução foi muito usada para promover uma contranarrativa do pensamento árabe sobre essa questão e dos padrões de racismo e discriminação na sociedade de Israel. Sem mencionar o MEMRI explicitamente, a seção ‘About us’ referia-se ao fato de “enfrentar as campanhas organizadas por Israel e pelas organizações zionistas que, por meio da tradução e da distribuição de materiais da mídia árabe, tentam criar a impressão de antissemitismo voraz no mundo árabe”. Tal como declarado, o objetivo era “promover e incentivar os valores e a tolerância, a aceitação e o respeito pelo outro, assim como a coexistência entre culturas, religiões, civilizações e povos diferentes. Tais valores são fundamentais na cultura árabe ao longo de sua história”. Infelizmente, a AAD não parece ter tido recursos suficientes e apoio para continuar a sua missão.

22

Características Narrativas e Recursos de Enquadre

Os grupos de defesa assim como tradutores e intérpretes podem explorar as características da narratividade (temporalidade, relacionalidade, apropriação seletiva e narratividade causal) para enquadrar ou reenquadrar um texto ou enunciado para um conjunto de destinatários. Mas as narrativas eficazes também contam com processos sutis de (re)enquadre que podem recorrer a praticamente qualquer recurso linguístico ou não-linguístico para preparar um contexto interpretativo para o leitor ou ouvinte. Isso pode incluir a exploração de recursos paralinguísticos, tais como a entonação e a tipografia, elementos visuais como cor, imagem e layout, além de recursos linguísticos tais como mudanças de tempo, dêixis, code-switching e o uso de eufemismos. Os tradutores de textos escritos podem empregar tais recursos no corpo da tradução ou, de modo alternado, em paratextos. Essa distinção pode ser muito importante por causa do papel essencial

que os conceitos de exatidão e de fidelidade tendem a ocupar no contexto da tradução profissional e, em particular, politicamente sensível, como é o caso aqui. Abaixo estão alguns exemplos de tais recursos usados por organizações neoconservadoras que produzem conhecimento sobre as comunidades árabes e muçulmanas.

Primeiramente, ao manter a tradução real muito perto do original, o MEMRI e outros grupos, tais como PMW e MESI, acrescentam títulos próprios às traduções para enquadrar a narrativa como extremista ou ameaçadora. A seguir são apresentados exemplos de títulos que alguns desses grupos acrescentam a suas traduções e 'relatórios' (os últimos frequentemente contendo extratos cuidadosamente selecionados e traduzidos de textos mais longos em árabe, persa e de outras línguas-fonte):

*Comentário do Corão para crianças publicado no Egito apresenta incitações para combater cristãos e judeus*¹⁴ (Boletim especial do MEMRI n. 1744)
*Os oradores do governo egípcio estimulam crianças a se tornar mártires*¹⁵ (Título do Boletim Especial do MEMRI n. 1197)
*Crianças buscam Shahada via martírio para Alá. Crianças Palestinas: martírio para Alá é preferível à vida e o suicídio é natural*¹⁶ (Título do vídeo legendado por PMW)
*Difamação sobre o sangue pelo Hamas: Os judeus bebem sangue muçulmano*¹⁷ (Título do relatório do PMW por Itamar Marcus e Barbara Crook, que apresenta vídeo legendado de cena cômica da TV do Hamas)
*A ligação entre bancos nacionais iranianos e o financiamento internacional do terrorismo*¹⁸ (Título do relatório do MESI) *Principais temas antisemitas em desenhos infantis árabes*¹⁹ (Título do relatório do MESI)

Um título existente (no texto-fonte) pode também ser substituído por um outro 'discursivamente estrangeiro' em inglês. Por exemplo, uma tradução inglesa de um artigo do jornal palestino *Alhayat Aljadeeda* foi publicada no site da Watching America sob o título de 'Ah, América... Ah, Império das Contradições' (ver Baker, 2007 para uma discussão mais ampla desse exemplo).²⁰ O título original em árabe é bem menos floreado e 'exótico' e diz 'Sinais no caminho: América e democracia!!!' Juntamente com outros recursos de enquadre usados nessa tradução em particular, esse novo título contribui para elaborar uma narrativa diferente daquela esboçada no

artigo original. Por exemplo, o artigo original do *Alhayat Aljadeeda*,²¹ por Yahya Ribah, discute que os Estados Unidos pregam a democracia somente quando os resultados promovem suas próprias políticas no Oriente Médio, referindo-se a sua oposição à eleição do Hamas como exemplo. No texto original em árabe, não há qualquer ambiguidade da parte do autor ou de seus compatriotas. O artigo é claro na condenação da política americana na região, com menção ao apoio absoluto a Israel. Precedendo a tradução do artigo, foi incluído um resumo da *Watching America*, que condiciona a interpretação do leitor, a seguir apresentado:

Quando os Estados Unidos convocam as nações para abraçar a democracia e as eleições democráticas, o que eles estão realmente pedindo, o que eles querem realmente dizer? De acordo com este artigo assinado do jornal da Palestina em árabe *Alhayat Aljadeeda*, a reação de Washington à eleição do Hamas deixou os Palestinos, e outros, tomados de surpresa.

24

Em conjunto, o título em inglês e o sumário reconfiguram o padrão de narrativa causal estabelecido no original ao evocar uma narrativa pública que tem trânsito considerável nos Estados Unidos em particular: que o problema com as políticas americanas na região não é que elas são erradas em si, mas elas não são explicadas à 'população local' de modo apropriado; que os políticos americanos e os militares não estão conseguindo conquistar os corações e mentes das pessoas devido, em parte, ao envio de sinais confusos aos árabes e muçulmanos.

Além dos títulos e vários tipos de categorias, subcategorias e resumos que podem ser e são usados para enquadrar as narrativas na tradução, as imagens também são frequentemente inseridas para servir a finalidades semelhantes. Na tradução inglesa do artigo do *Alhayat Aljadeeda*, por exemplo, a *Watching America* insere as suas próprias imagens (que não aparecem no texto-fonte), completa com legendas oportunas para enquadrar a narrativa traduzida como parte da metanarrativa ampla da Guerra ao Terror. Uma imagem em particular mostra Ismail Haniyeh com suas mãos estendidas em oração. A legenda acima da foto diz o seguinte: “O primeiro-ministro da Palestina Ismail Haniyeh reza antes de um discurso, muito provavelmente para pedir financiamentos... os quais provavelmente serão de procedência iraniana”. Uma outra foto mostra um homem com olhar hostil segurando uma arma grande, cercado por outros homens armados. A legenda diz o seguinte: “Um militante da Brigada do Mártir Al-Aqsa na Cisjordânia, durante um

evento para recordar um dos muitos atos de violência que ocorreram lá”. Essas fotos e legendas não apresentam relação alguma com o conteúdo do artigo ou com o tema do autor, mas são bem-sucedidas no estabelecimento de uma estrutura narrativa — e um padrão de relacionalidade — em que elementos não conexos são reunidos e apresentados como fenômenos interdependentes: crítica aos Estados Unidos, aos Palestinos (particularmente ao Hamas), ao Islã (evocada com a menção da oração), ao Irã como uma fonte de financiamento de atividades terroristas, de militância violenta e de martírio.

E, por último, as traduções em inglês dos artigos de jornais árabes e iranianos são acompanhadas frequentemente de um link, convenientemente legendado, para um vídeo, geralmente disponibilizado pelo MEMRI, cujo intuito é agir como um recurso adicional de enquadre, incentivando o leitor a interpretar até mesmo o discurso árabe mais sensato como se ele ocultasse um subtexto extremista. O artigo do *Alhayat Aljadeeda* é acompanhado de um link a um vídeo, também disponibilizado e legendado pelo MEMRI, com foto e legenda cuidadosamente escolhidos. A foto mostra um clérigo muçulmano falando a uma multidão, e é precedida pelo título: "Vídeo da Palestina: Exaltação ao suicídio à bomba em local de apoio ao Hamas". A seguir uma citação traduzida que aparece abaixo da foto e funciona como um hiperlink:

25

Após uma série de esforços, políticas e planos não concluídos, e as pessoas quase sem esperança, o mundo inteiro foi surpreendido por uma certa decisão do Hamas. Qual foi a decisão? Uma intifada. Uma Intifada? Onde? Na Palestina. Na Palestina!

Os vários elementos do vídeo reforçam o mesmo padrão de relacionalidade, tais como as legendas que acompanham as fotos e o título introduzindo a tradução, e contribuem para estabelecer um padrão de narratividade causal que descreve os muçulmanos como lunáticos, extremistas violentos, sem reais acusações aos Estados Unidos ou ao Ocidente em geral. Curiosamente, as traduções de outras línguas não recebem esse tratamento: as traduções do chinês, espanhol, francês, holandês e de algumas outras línguas são disponibilizadas no site da *Watching America* sem links aos vídeos do MEMRI que servem para demonizar a comunidade em questão. A única outra língua que recebe esse tratamento especial (ou é submetida a essa estratégia de enquadre), como se pode esperar, é o persa.

Por último, considero que esses exemplos nos mostram que, no contexto de um conflito violento por território e recursos narrado como uma guerra religiosa empreendida por fanáticos irracionais contra nações inocentes e pacíficas, é imperativo que possamos desenvolver uma compreensão mais robusta dos processos envolvidos na realização de tais representações, assim como reagir a elas. Esses processos dependem de recorrentes atos de tradução em quase todo momento de interação.

Conclusão

As narrativas públicas do terrorismo e da segurança estão difundidas em nossas vidas e são elaboradas por um conjunto de instituições influentes, inclusive por aquelas que se apresentam como apartidárias e apolíticas. Essas instituições têm um interesse que se incumbiram de retratar determinadas comunidades como inerentemente terroristas e extremistas e fazem isso ao disponibilizar traduções cuidadosamente selecionadas a um público-alvo ao redor do mundo, especialmente políticos e mídia. A teoria narrativa permite compreender os projetos de tradução como um todo assim como as escolhas individuais no nível do texto.

26

Um argumento mais relevante que tentei elaborar neste artigo é que são inócuas as tentativas de ativistas árabes e pró-árabes de combater as organizações neoconservadoras, tais como o MEMRI, por meio do questionamento da exatidão das traduções. Um grupo denominado MEMRI Watch,²² por exemplo, funcionou por um curto período de tempo em 2007 e se intitulou como um ‘recurso central de críticas ao MEMRI’ e como um ‘pequeno grupo de tradutores e analistas que se incomoda com as produções do MEMRI por várias razões’. Esse grupo trabalhou arduamente para destacar os problemas de traduções e falseamentos nas traduções do MEMRI, mas claramente não considerou suficientes tais questões para justificar contínuo engajamento. Nesse sentido, como os exemplos discutidos neste artigo sugerem, o MEMRI não precisa traduzir de modo equivocado para promover percepções negativas dos árabes e dos muçulmanos. A natureza da narratividade é tal que muitos outros recursos sutis podem ser usados para alcançar tais objetivos. Os ativistas que desejam combater o discurso da segurança e do terrorismo e promover uma narrativa mais tolerante e mais justa das fontes de conflito e violência em nosso mundo hoje deveriam olhar além da semântica do discurso e buscar compreender os mecanismos narrativos por meio dos quais as organizações neoconservadoras continuam a manipular a nossa percepção da realidade.

REFERÊNCIAS

- Baker, M. (2005). Targamat al-sardiyyaat/Sardiyyaat al-targama (Tradução de narrativas e narrativas de tradução) (H. Azmy, Trad.). *Fossoul*, 66(3), 21–34.
- Baker, M. (2006). *Translation and conflict: a narrative account*. Routledge.
- Baker, M. (2007). Reframing conflict in translation. *Social Semiotics*, 17(2), 151–169.
- Baker, M. (2008). Ethics of renarration: Mona Baker is interviewed by Andrew Chesterman. *Cultus*, 1(1), 10–33.
- Baker, M. (2009). Resisting state terror: theorizing communities of activist translators and interpreters. In E. E. Bielsa & C. W. Hughes (Orgs.), *Globalization, political violence and translation* (pp. 222–242). Palgrave Macmillan.
- Bennett, W. L., & Edelman, M. (1985). Toward a new political narrative. *Journal of communication*, 35(4), 156–171.
- Fairclough, N. (2001). *Language & power*. Pearson Education. (Obra original publicada em 1989)
- Fairclough, N. (1995). *Critical discourse analysis*. Longman.
- Friedman, T. (2005, 22 de julho). Giving the hatemongers no place to hide. *The New York Times*. <http://www.nytimes.com/2005/07/22/opinion/22friedman.html>
- Friedman, T. (2006, 22 de fevereiro). Empty pockets, angry minds. *The New York Times*. http://select.nytimes.com/2006/02/22/opinion/22friedman.html?_r=1
- Gentzler, E. (2002). Translation, poststructuralism and power. In M. Tymoczko & E. Gentzler (Orgs.), *Translation and power* (pp. 195–218). University of Massachusetts Press.
- Harris, L. (2003, 15 de janeiro). A note on MEMRI & translations. *Counterpunch*. <http://www.counterpunch.org/harris01152003.html>
- Hijazi Al-Sharif, S. (2009). *Translation in the service of advocacy: narrating Palestine and Palestinian women in translations by the Middle East Media Research Institute (MEMRI)* [Tese de Doutorado, Universidade de Manchester].
- Huntington, S. (1996). *The clash of civilizations and the remaking of world order*. Touchstone.
- Livingstone, K. (2005). *Why the Mayor of London will maintain dialogues with all of London's faiths and communities: a reply to the dossier against the Mayor's meeting with Dr. Yusuf al-Qaradawi*. Greater London Authority.

Moore, K., Mason, P., & Lewis, J. (2008). *Images of Islam in the UK: the representation of British Muslims in the national print news media 2000–2008*.
<http://www.cardiff.ac.uk/jomec/resources/08channel4-dispatches.pdf>

Norouzi, A. (2007). 'Wiped off the map' – the rumor of the century.
<http://www.antiwar.com/orig/norouzi.php?articleid=11025>

Packer, G. (2007, 26 de março). Betrayed: the Iraqis who trusted America the most. *The New Yorker*. http://www.newyorker.com/reporrying/2007/03/26/070326fa_fact_packer

Pappe, I. (2009). De-terrorising the Palestinian national struggle: the roadmap to peace. *Critical Studies on Terrorism*, 2(2), 127–146.

Philo, G., & Berry, M. (2004). *Bad news from Israel*. Pluto Press.

Shamma, T. (2005). The exotic dimension of foreignizing strategies: Burton's translation of the *Arabian Nights*. *The Translator*, 11(1), 51–67.

Shamma, T. (2009). *Translation and the manipulation of difference: Arabic literature in nineteenth century England*. St. Jerome Publishing.

Steele, J. (2006, 14 de junho). Lost in translation. *The Guardian*.
<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2006/jun/14/post155>

28

Toury, G. (1995). *Descriptive translation studies and beyond*. John Benjamins.

Tymoczko, M. (2000). Translation and political engagement: activism, social change and the role of translation in geopolitical shifts. *The Translator*, 6(1), 23–47.

Venuti, L. (1993). Translation as cultural politics: regimes of domestication in English. In M. Baker (Org.), *Critical readings in translation studies* (pp. 65–79). Routledge.

Venuti, L. (1995). *The translator's invisibility*. Routledge.

Whitaker, B. (2002, 12 de agosto). Selective MEMRI. *The Guardian*.
<http://www.guardian.co.uk/elsewhere/journalist/story/0,7792,773258,00.html>

Whitaker, B. (2007, 15 de maio). Arabic under fire. A child on Hamas TV talked of annihilating the Jews... or did she? *The Guardian*.
<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2007/may/15/arabicunderfire>

* A presente tradução foi autorizada para ser publicada em português pela Routledge/Taylor & Francis Group e pela autora Mona Baker, aos quais agradecemos imensamente.

Referência do texto de partida:

BAKER, M. (2010) Narratives of terrorism and security: 'accurate' translations, suspicious frames. *Critical Studies on Terrorism*, 3(3), 347–364. <http://dx.doi.org/10.1080/17539153.2010.521639>

¹ Disponível em: <http://www.memri.org/content/en/about.htm> Acesso em: 21 fev. 2010.

² O videoclipe não está mais disponível no site do MEMRI ou no YouTube. No entanto, a transcrição traduzida do MEMRI ainda está disponível em: <http://memri.org/bin/articles.cgi?Page=archives&Area=sd&ID=SP157707>. Acesso em: 21 fev. 2010.

³ Analisei o clipe cuidadosamente quando estava disponível no YouTube. Como falante nativa do árabe, posso atestar a validade da análise de Whitaker. Ver Hijazi Al-Sharif (2009) para uma maior discussão dessa tradução.

⁴ Em árabe, um *shaheed* (mártir) é qualquer pessoa morta em um conflito, voluntariamente envolvida ou não no conflito. Sanabel está dizendo que, em razão de seu comentário anterior, ela será morta e tornar-se-á mártir, e não que ela cometerá o ato em si.

⁵ Essa conversa é transcrita em Whitaker (2007), mas o clipe específico do programa da CNN está também disponível em vários sites. Por exemplo: disponível em: http://littlegreenfootballs.com/weblog/?entry=25423_Outrage_CNN_Cvers_Up_Death_Cult_Mickey_Mouse_Video&only. Acesso em: 21 fev. 2010.

⁶ Uma versão anterior do site do MEMRI, mantida nos arquivos do site, incluía essa declaração referente a sua missão: "Em sua pesquisa, o instituto enfatiza a relevância contínua do zionismo para o povo judeu e para o Estado de Israel". O site foi atualizado depois do 11 de setembro, mas a versão anterior está ainda disponível em: <http://web.archive.org/web/19990220054656/www.memri.org/about.html>. Acesso em: 21 fev. 2010.

⁷ A versão anterior arquivada do site apresentou Yigal Carmon da seguinte forma: "Cel. (Res.) Yigal Carmon é o presidente do MEMRI. Ele serviu na Direção de Inteligência Militar do IDF (Força de Defesa de Israel) — de 1968 a 1988. De 1977 a 1982, ele foi Chefe da Administração Civil na Judeia e Samara e Conselheiro de Negócios Árabes na Administração Civil. Após entrar para a reserva do IDF, ele foi Conselheiro do Primeiro-Ministro Shamir e de Rabin para assuntos de contraterrorismo de 1988 a 1993. Em 1991 e 1992, ele foi membro sênior da Delegação israelense para negociações de paz com a Síria em Madri e em Washington".

⁸ Hijazi Al-Sharif (2009) apresenta análise mais detalhada dos constituintes, atividades e estratégias de tradução do MEMRI.

⁹ Disponível em: <http://www.memrijttm.org/>. Acesso em: 21 fev. 2010.

¹⁰ Disponível em: <http://www.memri.org/content/en/about.htm>. Acesso em: 20 fev. 2010.

¹¹ Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/israel/comment/0,,884156,00.html>. Acesso em: 20 fev. 2010.

¹² Não consegui identificar essas citações no site do MEMRI, que é atualizado constantemente de modo a tornar o MEMRI menos partidário e mais equilibrado, haja vista a exposição de suas origens e atividades por várias pessoas e grupos ativistas.

¹³ O MEMRI altera e atualiza o seu site constantemente. A lista atual dos 'Temas' é a seguinte: Estudos do Jihad e do terrorismo, E.U.A. e o Oriente Médio, Reforma no mundo árabe e muçulmano, Conflito Árabe-Israel, Relações Interárabes, Estudos econômicos, Projeto de Documentação do Antissemitismo, Projeto de Monitoramento de Sites Islâmicos e Projeto de Mídia Urdu-Pachto.

¹⁴ Disponível em: http://memri.org/bin/articles.cgi?Page=countries&Area=egypt&ID=SP174407#_edn1. Acesso em: 19 out. 2009.

¹⁵ Disponível em: <http://memri.org/bin/articles.cgi?Page=countries&Area=egypt&ID=SP119706>. Acesso em: 20 fev. 2010.

¹⁶ Disponível em: http://www.palwatch.org/site/modules/videos/popup/video.aspx?doc_id=446. Acesso em: 20 fev. 2010.

¹⁷ Disponível em: http://www.pmw.org.il/Bulletins_Apr2009.htm#b050409. Acesso em: 20 fev. 2010.

¹⁸ Disponível em: <http://www.mesi.org.uk/ViewArticle.aspx?ArticleId=94>. Acesso em: 20 fev. 2010.

¹⁹ Disponível em: <http://www.mesi.org.uk/ViewArticle.aspx?ArticleId=113>. Acesso em: 20 fev. 2010.

²⁰ Disponível em: <http://www.watchingamerica.com/alhayataljadeeda000003.shtml>. Acesso em: 21 fev. 2010.

²¹ Disponível em: <http://www.alhayat-j.com/details.php?opt=1&id=22102&cid=394>. Acesso em: 21 fev. 2010.

²² O site desse grupo não está mais disponível.